

**A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER:
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO**

Émile Cardoso Andrade¹
Thayza Alves Matos²

Resumo: Em “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksievitch (2016) somos agraciados com um novo olhar sobre o campo de batalha: relatos e testemunho de mulheres combatentes soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Os testemunhos sobre um determinado evento são sempre tecidos pela memória e pela lembrança, o que acaba por constituir um terreno de silêncios e silenciamentos. Associando a obra de Aleksievitch com a reflexão de Jeane Marie Gagnebin podemos tecer reflexões que se centram sobre a ideia de perda de Walter Benjamin pensando no fim das grandes narrativas e do impacto da Grande Guerra sobre estes acontecimentos.

Palavras-chave: Testemunho; Mulher; Segunda Guerra Mundial; Silenciamento

Se renuncias ser mulher não sobrevive a guerra.

Nunca invejei os homens. Nem durante a guerra.


Sempre me alegrei de ser mulher.

(A Guerra não tem rosto de mulher, Svetlana Aleksievitch)

Desde a história antiga temos como parte de toda uma tradição ocidental as narrativas sobre guerras. Da Guerra do Peloponeso a do Iraque, relatos sobre como se iniciaram as querelas, quais eram as estratégias, comandantes e generais, vencedores e perdedores, e os desdobramentos dessas sobre os territórios que atingiram chegam até nós por meio de jornais, periódicos, filmes, seriados de televisão e também, pela literatura. Mas devemos observar algo nestas narrativas. A guerra como local da violência e da virilidade é marcado pela perspectiva masculina.

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade de Brasília – UnB, Professora de Literatura da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Campus Formosa e Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Língua, Literatura e Interculturalidade – Poslli – UEG/ Campus Cora Coralina. Contato: emilecardoso@yahoo.com.br


² Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade de Brasília – UnB, Mestre em História (UnB). Professora de História pela Universidade Estadual de Goiás – UEG/ Campus Formosa. Contato: thayzaa.matos@gmail.com



A narrativa que nasce do testemunho de mulheres cuja vivência na/da guerra não costuma figurar entre os relatos mais publicados e lidos. Conhecemos alguns textos oriundos da experiência da perseguição, prisão e outros horrores do Holocausto, e, nesse sentido tomamos contato com obras que nos falam sob o ponto de vista da vítima, do prisioneiro, do fugitivo. O livro de Svetlana Aleksievitch, *A guerra não tem rosto de mulher* (2016), se apresenta a partir de um outro lugar de fala: o das mulheres russas que lutaram no front na Segunda Guerra Mundial. São histórias silenciadas durante um certo período e que agora vêm à tona revelando o caráter multifacetado dessa experiência: às mulheres não esteve reservado apenas o lugar dos bastidores da guerra (como os hospitais e as cozinhas do front), mas sim todos os espaços e serviços foram por elas frequentados e prestados: as mulheres russas foram combatentes em campo de guerra, fizeram parte das tropas de artilharia, algumas chegaram a ser fuzileiras, outras dirigiram tanques. Ou seja, apesar de o espaço da guerra ser um ambiente sempre imaginado a partir de perspectivas masculinas, as mulheres tiveram participação efetiva nesse processo bélico chamado Segunda Guerra Mundial.

Essa perspectiva nos possibilita a refletir como a narrativa, a fala sobre um evento, é um privilégio dado a poucos, que chancela, neste caso, uma história que é oficial e sendo assim, acaba por marginalizar todas as outras perspectivas e narrativas sobre o mundo.

As singularidades da experiência feminina no front são talvez o aspecto mais marcante da narrativa de Svetlana. O sofrimento de estar em combate parece neutralizar e anular todas as particularidades da vivência da mulher, retirando dela aquilo que lhe confere identidade, cultura e até a própria construção social da feminilidade. Os testemunhos são variações sobre este mesmo tema: mulheres que pararam de menstruar, mulheres que sofreram a difícil tarefa de ter se acostumar a usar cuecas, mulheres que sangravam os pés por serem obrigadas a usar botas com numeração muito superior, mulheres que tinham seus cabelos raspados, mulheres vivendo sem o mínimo de condições de higiene atacadas por pulgas e outros parasitas, e ao fim e ao cabo, mulheres que sofreram julgamento moral que partia daqueles que não viveram a guerra. A memória de usar um vestido, calçar um salto alto ou passar perfume era um artifício sempre utilizado na tentativa de ganhar e viver, ao menos, uma esperança.



No trecho abaixo temos o relato de uma dessas sobreviventes, que relata a experiência do retorno após a guerra como algo marcante:


Voltei da guerra com cabelos brancos. Vinte e um anos, e minha cabeça toda branquinha. Tive um ferimento grave, uma lesão, escutava mal de um ouvido. Minha mãe me recebeu com as palavras: ‘Eu acreditei que você voltaria. Rezei por você dia e noite’. Meu irmão morreu no front. Minha mãe chorava: ‘Agora dá no mesmo ter meninos ou meninas. Mas ele, apesar de tudo, era homem, era obrigado a defender a pátria; você é uma garota. Só pedia uma coisa Deus: se você fosse mutilada, era melhor que a matassem. Ia sempre na estação. Esperar os trens. Uma vez, vi uma moça militar com o rosto queimado... Estremeci: seria você?! Depois passei a rezar por ela também’ (ALEKSIÉVITCH, 2016. p. 53)

Os testemunhos sobre um determinado evento são sempre tecidos pela memória e pela lembrança, o que acaba por constituir um terreno de silêncios e silenciamentos. O que vemos na obra de Aleksievitch é um esforço em tentar recuperar o olhar dessas mulheres sobre um evento tão doloroso. Por ter nascido na Bielorrússia, Aleksievitch teve contato direto com mulheres que lutaram e sobreviveram às investidas alemãs. Quase um milhão de mulheres participaram do Exército Soviético, um dos (se não o maior) contingente feminino no período.

Mas a presença dessas mulheres e moças foram apagadas com o tempo, apesar de todo esse quantitativo. O que observamos nas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial são relatos masculinos e que partindo de um local de fala privilegiado em um mundo patriarcal, generalizante e totalizante. *A guerra não tem rosto de mulher*, nos traz um entrelaçamento da narrativa de Aleksievitch e de testemunhos em primeira pessoa de centenas de mulheres das quais a autora recolheu os depoimentos em um trabalho árduo de busca daquilo que havia sido sistematicamente enterrado.

Assim, temos como produto final dois relatos: o daquelas mulheres que sobreviveram à guerra, com todas as suas mazelas, seus traumas e lembranças e o da busca da autora por esses relatos, que foram silenciados e que por tanto, se tornaram quase inacessíveis e que provocaram em Svetlana Aleksievitch uma reflexão diante desta busca.

A ganhadora do Nobel de 2015 passou a infância ouvindo das mulheres de sua família sobre as monstruosidades vividas no campo de batalha e foi a partir dessa



vivência como ouvinte que acabou por projetar esta pesquisa, cujo resultado é *A guerra não tem rosto de mulher*. A investigação de Aleksievitch se inicia em 1978 e possui encontros e desencontros, questão explicitada veementemente pela autora em sua escrita. Assim, com muito cuidado e delicadeza, a pesquisadora vai ao encontro destas mulheres, compreendendo que cada uma delas possuem um modo particular de experimentar esse passado através da narração. Existem desde aquelas que se permitem falar logo no primeiro contato com a escritora, até aquelas que precisam de um longo tempo de maturação da ideia de ser entrevistada sobre esse tema.


As pessoas me recebem e narram de formas diferentes... Uma começam a contar imediatamente, já pelo telefone: “Eu me lembro... Guardo tudinho na memória, como se fosse ontem...”. Outras postergam o encontro e a conversa por muito tempo: “Preciso me preparar... Não quero cair naquele inferno de novo...”. (ALEKSIÉVITCH, 2016. p: 144)

Sendo uma obra que tem como centralidade a perspectiva feminina, Aleksievitch não se ausenta do debate, como uma se fosse somente uma investigadora e um repositório dessas histórias, mas se coloca também, como parte deste silenciamento sofrido por mulheres. Apesar de todas as histórias sobre a guerra – sempre contadas por homens, suas vitórias e patentes – a autora por nascer e crescer na Bielorrussa, possuía desde pequena outra imagem da guerra, ou pelo menos, das histórias sobre ela.

A vila de minha infância depois da guerra era feminina. Das mulheres. Não lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam enquanto choram. (ALEKSIÉVITCH, 2016. p: 10)

As histórias de infância de Aleksievitch, em que mulheres contavam sobre o que havia ocorrido na guerra, se diferiam daquelas relatadas nos livros de histórias, que ainda de acordo com a própria autora, eram muitos, durante sua vida. A memória da guerra era muito forte ainda, não só em sua vivência, mas em toda a Rússia pós União Soviética.

E, ao fim da guerra, com a vitória dos russos, o que sobra dessas mulheres, testemunhas vivas da batalha? Além do trauma da experiência, a guerra deixou um



silêncio quebrado apenas agora, na reunião desses relatos compilados por Svetlana. A obra permite dar a voz àquelas que foram silenciadas pelos homens, sujeitos que julgam incapazes ou fantasiosos os relatos femininos sobre a guerra. Ou seja, além de ter de lidar com seus próprios traumas, as mulheres se veem impedidas de contar suas vivências pelos companheiros de luta, como se fosse exclusividade da voz masculina o direito de falar.


A interdição masculina das falas sobre a guerra a partir das vozes femininas se torna evidente durante toda a tessitura da obra de Aleksievitch, se colocando como mais um empecilho a ser superado para a realização do trabalho.

Os homens... A contragosto eles deixam as mulheres entrar em sua guerra, em seu território.
Fui procurar uma mulher na fábrica de tratores de Minsk; ela tinha sido francoatiradora. E famosa. Apareceu mais de uma vez em manchetes de jornal. As amigas dela me deram o número o telefone de sua casa em Moscou, mas era antigo. Sobrenome também, eu só tinha o de solteira. Fui à fábrica onde, como eu sabia, ela trabalhava, e no departamento pessoal escutei dos homens (do diretor da fábrica e do chefe do departamento): “Por acaso falta homem para isso? Para que você quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...”. Os homens tinham medo de que elas não contassem direito a guerra. (ALEKSIÉVITCH, 2016. p: 21)

Traçando um caminho de diálogo entre a experiência e a obra de Aleksievitch, nos debruçamos sobre o trabalho de Jeanne Marie Gagnebin em *Lembrar, Escrever e Esquecer* (2009), que procura tecer uma reflexão o trânsito entre o lembrar e o esquecer, mantendo um diálogo com a obra de Walter Benjamin.

A perda da experiência acarreta um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade. As razões dessa dupla desaparecimento provêm de fatores históricos que, segundo Benjamin, culminaram com as atrocidades da Grande Guerra — hoje, sabemos que a Primeira Guerra Mundial foi somente o começo desse processo. Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras (GAGNEBIN, 2006. p: 50/51).

Essa observação de Benjamin sobre a mudez daqueles que retornaram do front foi amplamente aceita e realmente se aplicam em alguns casos. Porém, essa mudez não



dá conta de toda uma vivência da guerra, das suas batalhas. Ainda mais quando voltamos nosso olhar para a perspectiva feminina sobre a guerra.


Esses relatos, diferentemente do que observa Benjamim, não foram sofreram apenas o trauma “porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras”, mas por uma condição social que determina o local de fala das mulheres e suas vivências.

Benjamim nos coloca que a “guerra não enriqueceu o sujeito de experiência, mas sim o deixou mudo”, porém, nos questionamos quem é o sujeito que se refere Benjamim. O trauma da batalha foi experimentado de diferentes formas, porém, o direito de fala foi dado aos homens, aqueles que deveriam obrigatoriamente ir à guerra, defender sua pátria. Para as mulheres, o retorno do front não significou as honrarias e glórias daquilo ao que haviam sobrevivido e batalhado tão bravamente.

O que podemos inferir dessa disparidade de tratamentos passa pela condição feminina dentro da sociedade ocidental, que a encara como uma espécie de cidadã de segunda classe. Essa organização social que marginaliza a mulher e sua vivência não é uma novidade do século XX, mas uma construção histórica e social que encontra suas origens nos primórdios de estruturas patriarcais.

Essa condição de inferioridade delegada a figura da mulher muito tem a ver com “destino biológico” que entende a mulher como inferior ao homem em sua força física, sua capacidade intelectual, sendo relegada simplesmente a reprodução no papel da maternidade. Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: a experiência vivida* (1980) tece uma reflexão sobre como tanto a condição feminina quanto a masculina pouco tem a ver com a disposição biológica do sujeito, mas com uma construção social que impõe esses papéis de gênero dentro da sociedade.

Beauvoir argumenta que a palavra “ser” deve ser entendida sob a ótica hegeliana, compreendendo que “ser” quando tratamos da mulher está ligado a “ser inferior” e nesse sentido, a uma substancialidade, como se ser mulher deliberadamente significasse ser incapaz, algo que fosse de sua natureza. Dessa forma, Beauvoir coloca que “ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta”, saindo da ideia de que “ser inferior” é natural, mas uma condição imposta – que para se concretizar há uma contraposição entre esse “ser inferior” e alguém ou algum grupo que se manifesta como superior.



Compreendendo isto, vemos que a condição social ao qual a mulher é relegada passa por essa interdição em que um grupo se coloca superior. Assim, chegamos a máxima da autora: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. O tornar-se mulher está diretamente ligado ao modo que a fêmea humana é socializada e o mesmo se aplica ao macho humano, que se torna homem diante das condições sociais que são colocadas em sua experiência.


A mulher, marcada por seu sexo, tem seu discurso deslegitimado e com isso, sua participação na história oficial é negada, tida majoritariamente como incapaz de falar por si, em um discurso recorrente de incoerência e imprecisão atingida por fortes emoções. A professora brasileira Maria Lúcia Rocha Coutinho traz em um de seus trabalhos uma importante observação sobre a relação entre figura da mulher e a história oficial:

Faz-se necessário remover a mulher da posição de obscuridade em que ela se tem mantido por séculos nos livros e compêndios tradicionais da história. Afinal, sem ela a história mesmo como tem sido escrita em seu sentido mais amplo e convencional, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta. (ROCHA-COUTINHO, 1994. p: 15)

Setenta e dois anos após o término da guerra, temos um exercício realizado por Aleksiévitich de busca dessa experiência inominável, e vemos como a ausência do discurso feminino interfere diretamente com a imagem que temos da presença da Rússia na Grande Guerra. Na história oficial – a salvo de poucas exceções – a figura da mulher aparece em um local de protagonismo e ainda nessas ocasiões, seu próprio discurso é negligenciado, não lhe sendo concedida a mesma oportunidade de falar até mesmo sobre sua própria história.

O espaço ocupado pela história oficial demanda uma reverência a memória, que se corporifica de diversas formas, entre elas, a comemoração e a celebração dessa memória. Jeanne Marie Gagnebin realiza uma importante reflexão a este respeito:

[...] então o discurso sobre o dever de memória corre o risco de recair na ineficácia dos bons sentimentos ou, pior ainda, numa espécie de celebração vazia, rapidamente confiscada pela história oficial. Propria, então, uma distinção entre a atividade de *comemoração*, que desliza perigosamente para o religioso ou, então, para as celebrações de Estados, com paradas e bandeiras, e um outro conceito, o de *rememoração*, assim traduzindo aquilo que Benjamin chama de



Eingedenken, em oposição à *Erinnerung* de Hegel e às várias formas de apologia. (GAGNEBIN, 2009. p: 54)


Gagnebin nos traz a contraposição entre as ideias de *comemoração* e *rememoração*, de forma que a comemoração, que abrangida pela história oficial, promove um entendimento de memória em que reverência por meio da solenidade para com o passado. Nessa celebração que é ligada com a história oficial, a história das mulheres, por ser marginalizado, não participa ativamente. Homenagens como a nomeação de ruas e avenidas, monumentos de vínculo com a memória tomam como referente a história oficial e esta não contempla a presença feminina na guerra e suas narrativas, por exemplo. A apresentação que muitas vezes é feita da história oficial é de uma história completa, que ao ostentar o estatuto de verdade, pode acabar totalizante.

Chimamanda Adichie em uma de suas falas denominada *O perigo de uma única História* nos fala sobre os riscos de se imergir em uma única história. A partir de histórias pessoais e renomada escritora nos coloca como ao “mostrar um povo como uma coisa, como uma só coisa, incontáveis vezes, é isso que ele se torna”. Compreendendo povo como grupo social, podemos inferir o mesmo sobre a condição da mulher na história. Representada em inúmeras ocasiões como uma figura frágil, débil e incapaz, a imagem que se tem da mulher muitas vezes é essa.

A rememoração, por outro lado, partiria de uma outra abordagem sobre a memória, abraçando as lacunas e abrindo espaço para aquilo que não foi dito, que não foi lembrado.

Tal rememoração implica certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança, nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2009. p: 55)

Partindo da própria atividade historiadora que se abre ao desconhecido em busca de conhecimento, a rememoração compreende os vãos que se abrem ao voltarmos nosso



olhar ao passado como uma oportunidade de apreender fatos, lembranças e discursos que por alguma razão não se fazem conhecer.

Obras como a de Svetlana transformam nossa percepção da experiência de guerra no século XX e colocam a figura feminina em seu lugar de direito: como sujeito de suas ações, afirmando-se como indivíduo produtor/autor de suas próprias memórias, modificando, por fim, o entendimento do que é a espantosa vivência no front e os lugares da mulher nessa ação humana.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. *O Perigo de uma Única História*. In: Ted's Talks. Disponível em:

http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html

_____. *Sejamos Todos Feministas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo (Vol. 1)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA-COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

YATES, Frances Amelia. *A arte da memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.